

O COSTUME DE CORRER VACAS E TOUROS

Em memória do escritor Luis Dantas fica este apontamento com base no seu livro sobre a Vaca das Cordas.

Quando é que a vila limiana põe em cena a corrida da vaca das cordas? O melhor método será procurar a expressão «vaca das cordas» nos arquivos municipais. O documento mais antigo que regista o sentido que os nossos antepassados atribuíram a esse hábito parece ser o Código das Posturas Municipais de 1646. Existem outros documentos mais antigos do século XVI (1536, 1537) que confirmam apenas o antigo uso e costume de correr touros na vila pelas festas de Corpus Chisti, São João Baptista (24 de Junho), Visitação de Santa Isabel (celebrava-se a 2 de Julho, mas depois passou para o último dia de Maio) e Anjo Custódio (terceiro domingo de Julho). Vários textos da península ibérica, desde as crónicas às quadras populares, mostram que é prática corrente a oferta de corridas de touros aos santos (ex-votos) e a realização de touradas em dias de culto divino, celebração de um casamento real, canonizações, nascimento de um príncipe, vitórias militares, tratados de paz, festas de beneficência, cura de uma doença. Os mais antigos datam do século XII. Ao percorrer esses documentos vê-se bem a azáfama dos carpinteiros na construção de praças de toiros com palanques para a fidalguia e divisórias para o povo. Prepara-se a festa para todos: nobreza e povo, judeus e mouros.

A VACA DAS CORDAS

Percebe-se então, voltando ao campo semântico, que o vocábulo «vaca» em vez de «touro» não traz névoas ou outros cenários depois da data do Código das Posturas Municipais de 1646. É assumido pela linguagem popular, está na memória colectiva, nos resquícios do antigo culto a divindades romanas protectoras das searas e das vinhas, consta nos arquivos, na iconografia e chegou às fontes escritas nos meados do século XIX:

«Pelas três para as quatro horas da tarde, prendia-se ao gradeamento de ferro da janela da torre dos sinos da Igreja Matriz uma vaca mansa, destinada ao talho: e o pacífico animal ficava ali, até às seis horas aproximadamente, exposto ao arbítrio dos transeuntes e do rapazio inquieto e malfazejo, que, por prazer, procuravam mortificá-lo e embravecê-lo com aguilhoadas e bastonadas, no meio de vozeria e assobios, no meio de apupos e ditérios, não raro imorais. Deleite para os espectadores e estímulo para as alegrias e risadas uníssonas.

Ordinariamente às seis horas, prazo determinado pelo Senado ou só pelo Presidente, apareciam dois moleiros dos obrigados e ultimamente os remunerados executores das sortes do estilo, que, munidos de cordas, de uns nove a dez metros pelo menos, as enlaçam nas pontas do animal actor e delas se serviam como de guias ou leme da corrida.

A vaca, desprendida seguidamente do gradeamento de ferro, era guiada em roda da Igreja, que volteava três vezes a trote e pesado galope, sempre aguilhada e sempre apupada.

E o povo a correr, a correr, uns atrás dela, para a estouvarem e, simultaneamente, não perderem um momento de gozo do espectáculo; - outros na frente, procurando furtar-se ao atropelamento; as portas das casas a fecharem-se umas, a abrirem-se outras, para se isolarem momentaneamente da investida da vaca e evitarem o impulso das ondas populares, que se formavam e desfaziam pelas ruas e adro. E as famílias, apinhadas pelos peitoris e sacadas, a casarem suas alegrias ruidosas com as gargalhadas estridentes dos espectadores da praça, endoudecidos.

Após as três voltas, os ministros da corrida arrastavam ou alavam corda e cabo ao pobre animal, encaminhando-o para a alameda do Passeio de D. Fernando, para o vasto areal e para a ponte, em demanda dos grupos do povo expectante contra quem pudessem promover as investidas, ou pelo menos enredar com as cordas. E faziam-no com mestria atrevida.

Se o animal, embravecido, arremetia com alguém ou fazia algum atropelamento, ou se as cordas enrodilhavam as pernas de qualquer temerário ou descuidado transeunte, proclamava-se geralmente o espectáculo de

agradável e divertido; mas, não se dando nenhum desses factos, todos unanimemente o apodavam de sensabórico, concluindo com as frases sacramentais: a vaca este ano não fez figura, não prestou para nada.

Ao toque da Trindade, estando tudo terminado, a vaca seguia o caminho de seu destino; a gente... cada mocho para seu buraco.»

Esta visão tem essa surpresa: traz à baila a vaca mansa e a confirmação de que tivemos «vaca das cordas» ao longo de dois, três séculos.

A TOURADA À CORDA

A partir do segundo quartel do século XX, a vaca cedeu o lugar ao toiro negro e gravito, (re) inaugurando-se a tourada à corda com foguetório.

A vila ficava pejada de gente. Vinha de todo o concelho e de outras vilas e cidades para a festa. O touro era incitado pela açougada tempestuosa que o cercava. Vi muitos rapazes da minha geração com roupas estapafúrdicas em boas faenas, simulando estocadas com paus por falta de farpas enfeitadas ou fazendo verónicas com farrapos encarnados em vez dos capotes. Quando os nossos vizinhos baixavam as cordas, alguns desses capinhas e bandarilheiros corriam em desordem, rolavam pelo chão, recolhiam a um bom banho no chafariz, ousavam saltar da ponte para o rio ou encornavam, mas a colhida nunca era fatal. E o formigueiro humano esmaltado de tons encarnados dispersava numa debandada esbaforida. Depois voltava a fazer um círculo: o touro no meio, símbolo de possança e afoiteza, mostrando-se ansioso e pronto para investir outra vez de frente, a direito e em direcção a um ou outro moço forçado com as mãos na cinta, naquele berro de espevitar o bicho: eh! Toiro!

Para lá do espectáculo, a vaca das cordas dá-nos acesso a uma realidade mais ampla, a uma manifestação intensa da vida espiritual através dos antigos ritos pagãos deixados pelos filhos de Roma.

A VACA DAS CORDAS DE HOJE

A vaca (touro) vindo das lezírias ribatejanas chega a Ponte de Lima no dia anterior. A população ouve o trovoar dos foguetes e logo dizem “chegou a vaca”. Recolhe aos baixos (curros) da Casa da Aurora onde durante o dia se forma uma autêntica romaria para ver a vaca. Tecem-se opiniões: será brava?

O animal sai ao cair da tarde da véspera do Corpo de Deus, volteia a Matriz e de seguida é guiado para o areal do Rio Lima. Aí surgem os pegadores, forçados de ocasião a tentar a sua chance, alguns voam pelos ares perante as arremetidas do animal. A algazarra é geral. São aos milhares entre os valentões e os observadores. A Vaca das Cordas em Ponte de Lima é um evento alimentado pela paixão do seu povo, importante do ponto de vista sócio-económico e traz à vila imensos turistas nacionais e estrangeiros. Está na alma do povo este dia, que se prolonga pela noite adentro, uns em folia intensa outros dedicando-se ao atapetamento florido das ruas para receber a procissão do Corpo de Deus. Esta convivência nem sempre é pacífica mas no final da noite, a aurora compõe as mentes e Ponte de Lima acorda concertada para o novo dia. É a TRADIÇÃO, profundamente cultural, tão necessária à vida limiana como o ar que respiramos. Por isso existe a responsabilidade de passar esta mensagem que reforça a identidade de um povo e de um lugar. Nesse sentido, de há quatro anos a esta parte, na manhã do dia da corrida da Vaca das Cordas, os alunos do 1º ciclo da Escola de Ponte de Lima simulam a corrida da Vaca das Cordas, com um homem-touro a correr as ruas da vila e cumprindo as três voltas à Igreja Matriz. Vivem intensamente este momento, a Vaca das Cordas reside no seu imaginário infantil, serão os portadores desta mensagem de continuidade da TRADIÇÃO e da afirmação de um povo e de uma terra através de um dos seus eventos culturalmente mais profundos, no âmago do seu viver e do seu sentir.

Franclim Castro Sousa

Bibliografia: Luis Dantas, A Vaca das Cordas em Ponte de Lima, ed Baco, 2006